

Giuseppe M. Cagni

2

2. Coleção Panem Nostrum: IC. XC+

*Coleção
Panem Nostrum*

IC. XC +

*Santo Antônio Maria Zaccaria
(1502 - 1539)*



Coleção “Panem nostrum”

- 1. A regra do coração**
- 2. IC. XC.+**
- 3. A pobreza**
- 4. A Obediência**

CAGNI Giuseppe, IC. XC.+, Rio de Janeiro 2016

Tradução do original italiano IC.XC.+, Firenze 1980 por
Maria Lúcia Pereira Karam

A todos os Barnabitas, Angélicas e Leigos de São Paulo

Capa

Pe. Wagner Domingos Barbosa CRSP

Coleção “Panem nostrum” nº 2

**Santo Antônio Maria Zaccaria
1502-1539**

IC. XC.+

Cristo sofreu por vocês,
deixando-lhes exemplo,
para que sigam os passos dele.
1 Pt 2, 21.

Fui morto na cruz com Cristo.
Eu vivo, mas já não sou eu que vivo,
pois é Cristo que vive em mim.
GL 2, 19B-20.

Quanto a mim, que eu não me glorie,
a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.
GL 6, 14.

APRESENTAÇÃO

Um dos maiores consolos de nossos dias é que os filhos e filhas de Santo Antônio Maria Zaccaria têm tanto amor e interesse pelas coisas da sua espiritualidade, que a recuperação prática dos pontos mais característicos de sua tradição está lhes dando o dom de sua identidade, antes mesmo que a entendam. (+)

Um destes pontos fundamentais é, sem dúvida, a orientação da vida para a cruz, imitando o Redentor. Diz o Santo Fundador, em carta às Angélicas: *“Lembrem-se do seguinte: São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados”* (10505). Ainda o Santo Fundador nas suas Constituições: *“... a verdadeira finalidade da Reforma revela-se nisto: que procuremos tão somente a pura honra de Cristo, a pura utilidade do próximo, o puro desprezo de nós mesmos e só injúrias, para que os reformadores considerem agradável o ser desprezados.”* (31608). E, mais: *“Ora, como o nosso fim principal é o conhecimento de nós mesmos e a vitória sobre nós mesmos, a imitação da bondade e da simplicidade cristãs, abraçar os insultos e querer amar a Cristo, ...”* (31901). Penso que a vontade do Santo Fundador aparece muito claramente em suas palavras.

E, se quisermos, nos documentar sobre como seus primeiros

Filhos praticaram as diretrizes do Pai, eis dois testemunhos claros o bastante, até porque provenientes de testemunhas oculares. Falando do famoso discurso de 4 de outubro de 1534, o Padre Soresina diz: *“Prometemos a Deus que caminharíamos pela estrada do desprezo; prometemos despende a vida e o sangue por amor do Senhor nosso, que morreu na cruz por nós. E, assim, começamos a viver na pobreza, dando-nos, com solicitude, à mortificação e à extirpação dos vícios e paixões, e a conquistar o próximo, não medindo esforços para servir a todos; esta era nossa meta, na qual todos nos exercitávamos”* (PEQUENA CRÔNICA C, 2-3). E a Angélica Anônima: *“O outro fundamento que [Zaccaria] não se cansava de enraizar nestas filhinhas era o desprezo pelo mundo e o amor pelas violências e humilhações, sendo estas suas próprias palavras: ‘Por amor da Cruz’, ‘Por imitação da Cruz’; e estes eram os vocábulos que circulavam em casa – ‘O amor da Cruz’; ‘Para imitar a Cruz, com boa vontade, abraçamos os opróbrios’ – aprendidos com seu Pai”* (MEMÓRIAS, ps. 14 e 15).

Parece-me, pois, que a legitimidade do argumento esteja fora de discussão.

As poucas coisas reunidas neste opúsculo não pretendem, de forma alguma, obscurecer o mistério pascal e, muito menos, recuperar uma orientação espiritual dolorista, que jamais fez parte da tradição barnabita. Ao contrário, pretendem recordar que foi a cruz a merecer a glória e que, se não morrermos com Cristo crucificado não poderemos ser parte do Cristo ressuscitado; pretendem expressar, em um contexto atual, a mensagem que os Nossos nos transmitiram, após tê-la extraído de São Paulo e após tê-la vivido conforme a cultura de seu tempo, supondo que queiramos acolhê-la com fé e fidelidade.

Tratando-se de um discurso “duro”, certamente, não serão as palavras que se seguem que nos farão aprender, mas sim a graça de Deus e a intercessão de nossos Santos. *“Uma coisa é falar da morte; outra coisa é morrer”*, diz o provérbio. Seria fácil

concentrar-se em um estudo histórico, mas seria um trabalho inútil. Ao contrário, cada um deve tentar reconstruir em si, com respeito à Cruz, o que o Santo Fundador diria e faria hoje, se voltasse a viver entre nós, com o amor e a atualidade que todos nós lhe reconhecemos.

Este opúsculo não pretende ensinar nada de novo, mas apenas recordar a lição fundamental do cristianismo e da vida religiosa (PC 25), a partir do exemplo de nossos Maiores. Decerto, não se pode viver a cruz como uma memória erudita! *“Irmãos, pela misericórdia de Deus, peço que vocês ofereçam os próprios corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”* (Rm 12, 1); *“Ora, Cristo morreu por todos, e assim, aqueles que vivem já não vivem para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou”* (2Cor 5,15). Fique, pois, bastante claro que este opúsculo foi escrito, para dizer com Santo Agostinho, *“non nova ut discatis, sed nota ut faciatis”* (nada de novo para aprender, mas o que já é conhecido para ser vivido).

É com este espírito que ele se põe em suas mãos, quaisquer que sejam estas, desejando que o Espírito Santo, por intercessão da Virgem e de nossos Santos, faça com que as palavras possam ir além de seu conteúdo.

Florença, Quaresma de 1980.

Giuseppe M. Cagni

O mistério pascal

Desde o Vaticano 2º, quando as “novas fronteiras” da teologia colocaram no mercado uma apresentação um tanto unilateral de antigas verdades, a doutrina corre o risco de parecer incorreta. Assim aconteceu com a Igreja-carisma, que obscureceu a Igreja-instituição; assim aconteceu com a Eucaristia-assembléia, que obscureceu a Eucaristia-sacrifício; assim aconteceu com o culto mariano; assim aconteceu com o “mistério pascal”, em que se ressaltou o aspecto glorioso ou de ressurreição, em detrimento do aspecto doloroso ou da cruz.

Daí derivaram duas conseqüências: uma doutrinária, que parece atribuir a plenitude do valor soteriológico tão só à ressurreição; e a outra, prática, que, desaconselhando a “disciplina *crucis*” como algo medieval e enfatizando, na vida, o otimismo da ressurreição, abre-se para todas as gratificações, a serem gozadas sem escrúpulos; mesmo o pecado, nosso e alheio, não deveria nos preocupar excessivamente, na medida em que Cristo o venceu de modo definitivo. Isto explica o esvaziamento do sentido do pecado e da confissão-reconciliação, o abandono da ascese voluntária mesmo nos grupos engajados ou consagrados, a abertura um tanto indiscriminada aos bens da vida e a vaga espera de uma palingenesia universal que fará o mundo belo e fraterno, sem guerras, nem ódio, nem pobreza.

Talvez seja injusto dizer que o Vaticano 2º tenha sido “manipulado” pelos autores que, insistindo na valorização das realidades terrenas operada pelo Concílio, deixam de lado o testemunho que o mesmo prestou à paixão do Senhor e à participação que cada cristão deve ter nela. Se insistiram apenas sobre alguns pontos, é porque pareciam mais úteis à pastoral e mais adequados à mentalidade moderna. Com efeito, sem uma

visão do Cristo glorioso, a vida de fé torna-se mais difícil do que o necessário, pois é vivida sem seu conteúdo essencial de alegria e reconhecimento. A Igreja Oriental dá ênfase à glória de Jesus, enquanto a Ocidental acentua a humilhação da paixão. A síntese é a posição verdadeira, de indubitável enriquecimento para a vida dos fiéis, inclusive porque o mistério pascal recusa a absolutização de apenas um de seus aspectos. É um pouco a lei do pêndulo! Antes do Concílio, talvez se tenha insistido demasiadamente na paixão em detrimento da ressurreição, exaltando-se a ascese e esquecendo-se da alegria cristã. Depois do Concílio, talvez se tenha insistido demasiadamente na alegria da ressurreição, esquecendo-se que não há ressurreição sem que haja morte. O Vaticano 2º restituiria ao mistério pascal as duas dimensões essenciais, mas os autores se prenderam ao aspecto mais novo, destacando-o.

Poder-se-ia supor que, seguindo neste ímpeto, toda a teologia se dedicasse a ilustrar o aspecto glorioso da redenção. Mas, não foi isso que aconteceu. Floresceram estudos sobre a cruz (cerca de mil por ano), resultando em um indubitável enriquecimento do que poderia ter conduzido a um empobrecimento. Hoje, tem-se a impressão de um retorno em massa à teologia da cruz, seja do lado católico, seja do lado protestante. Talvez esteja nascendo um novo tratado, para não dizer uma nova sistematização *de universa theologia* sob o ângulo soteriológico. O próprio ecumenismo encaminhou-se decididamente para a cruz, insistindo na morte de Cristo – causa de nossa salvação e guia de nossa vida – como ponto de partida para qualquer diálogo.

Típica e diria emblemática, a este respeito, é a produção de Moltmann, que marcou época, seja no campo protestante, seja no campo católico. É de 1964 sua *TEOLOGIA DA ESPERANÇA*, na qual ele exalta a ressurreição, em detrimento da paixão. Trata-se de um fruto de seu tempo: de fato, o livro surgiu naquele período de euforia, caracterizado pelas figuras do papa João XXIII, dos dois Kennedy e da mensagem conciliar da “*Gaudium et spes*”.

Compreensível, pois, o entusiasmo despertado; e compreensíveis também as críticas, embora respeitadas: a esperança germina no terreno do sofrimento e a experiência sem garbo da vida real se encarrega de nos fazer lembrá-lo.

Veio, então, o segundo livro de Moltmann: O DEUS CRUCIFICADO, que não é nada mais do que um grande retorno ao significado e ao valor da cruz de Jesus. Mesmo deixando de lado a posição exacerbada de Moltmann, típica da teologia protestante, o grande consenso despertado em todas as confissões cristãs não é indicativo de “refluxo”, mas satisfação por se expor com precisão uma dificuldade real de exposição, intrínseca ao mistério pascal, que não se exaure na morte de Cristo, completando-se sim em sua glorificação (ressurreição-ascensão). Tal dificuldade é velha como o cristianismo: o Crucificado é o Ressuscitado, e o Ressuscitado é o Crucificado. A arte antiga expressou esta sua fé, pintando Jesus morto na cruz, mas com os olhos abertos e vivos. A tensão do mistério torna-se crítica quando um dos dois elementos é declarado ilegítimo. Mas, nenhum deles é ilegítimo, nem o pode ser. *“E se Cristo não ressuscitou, a fé que vocês têm é ilusória e vocês ainda estão nos seus pecados; e, desse modo, até os que morreram em Cristo estão perdidos”* (1Cor 15,17-18).

O único erro – se se pode falar assim – dos modernos “ressurrecionistas” é ter tratado o tema sob um ponto de vista de polêmica com o passado, acusado de apresentar a morte de Cristo como o único fato com valor soteriológico. Para eles, a pregação do Crucificado esteve demasiadamente fechada sobre si mesma, sem uma relação suficiente e clara com a ressurreição. A acusação é superficial, porque o Cristo ressuscitado, que com sua vida está presente e atua em nós, era tão sentido por nossos antigos, quanto pouco afirmado; aliás, era exatamente a fé inquestionada na ressurreição que dava o tom e a eficácia da paixão, obrigando o cristão a se examinar para ver se sua vida era uma real retribuição viva ao amor de um Deus Vivo. Ousaria dizer que nossos Fundadores – Barnabitas e Angélicas – eram teologicamente mais bem informados do que nós, na medida em que

sua idéia de “redenção” refletia fielmente a primeiríssima pregação apostólica, como resulta dos **Atos 5,30-31**, quando Pedro mostra ao sínédrio o Pai que **ressuscita e exalta** seu Filho. Com efeito, no século XVI, os quadros da paixão não representavam apenas os mistérios dolorosos, mas também os gloriosos. Por exemplo, o grande quadro da Paixão dado por São Carlos às Angélicas, em 1584, reproduzia “*tudo o que o Senhor padeceu no monte Calvário, a sepultura e todo o resto até a missão do Espírito Santo*” (Angélica Anônima, MEMÓRIAS, p. 29). E isto é certo, pois a salvação nos é dada quando o Senhor “chega” à direita do Pai e nos faz verdadeiramente filhos de Deus, no dom de seu Espírito. A redenção se deve à totalidade do mistério pascal, que é o retorno ao Pai. E, na realidade, não se compreende a Igreja sem a Ascensão e Pentecostes.

Se o Santo Fundador não tivesse entendido o Crucificado nesta dimensão pascal, não fariam sentido suas recomendações de “dialogar familiarmente com o Cristo Crucificado, aconselhar-se com ele” (10306), nem de “aprender com ele o que, a seguir, devemos transmitir aos outros” (10301). De fato, para nosso Santo, o Crucificado não é um objeto, nem uma lembrança, mas sim alguém Vivo, que opera conosco nossa santificação (10302, 11009, 11106), nos consola (10913), nos envia ao mundo para anunciar a vivacidade espiritual e o Espírito vivo (10503), precede e acompanha não só cada uma de nossas palavras, mas ainda nossas boas intenções (10602), nos confia o cuidado dos corações a que nos envia (10602) e supre tudo que nós, não obstante a boa vontade, não conseguimos fazer, dada a debilidade de nossas forças (11010).

Se seus escritos e sua vida estão focalizados preferencialmente no Crucificado, isto se deve não só ao fato da paixão ser o epicentro do mistério pascal, mas também por ser uma forma de empurrar energicamente seus filhos para a ação. De fato, segundo a Bíblia, o protagonista da ressurreição é o Pai, porque é ele que ressuscita e exalta seu Filho (At 2,24; 3,15.26; 4,10; 5,30; 10,40; 13,30.34.37; 17,31 / Rm 4,24; 8,11; 10,9 / 1Cor 6,14; 15,15 / 2Cor 4,14 / Gl

1,1 / Ef 1,20 / Fl 2,9 / Cl 2,12 / 1Ts 1,10 / 1Pd 1,21). Ao contrário, na paixão, o protagonista é o Filho, porque é ele que se faz obediente até a morte, trazendo em sua carne as conseqüências de tal obediência (Hb 5,8). A paixão sublinha, pois, com vigor, a parte ativa de Jesus, que, de sua morte dolorosa, faz germinar a vida, merecendo e satisfazendo por nós. Enquanto ressuscitado, ele não merece, nem satisfaz, propriamente; aliás, diz São Tomás (DE VERITATE, 29, 6), que é exatamente o mérito de sua paixão que faz atuar “à maneira de causa eficiente” o prêmio de sua ressurreição.

É clara, pois, a razão do Santo Fundador, grande mestre de energia espiritual, ter acentuado a parte ativa de Cristo no mistério pascal, para impelir seus filhos à generosidade. Conformar-se a Cristo no amor sofredor é garantia de nos conformarmos a ele na glória: *“se participamos de seus sofrimentos, participaremos também da sua glória”* (Rm 8,17).



**Celebramos, ó Pai, a
memória do vosso Filho, da
sua Paixão que nos salva,
da sua gloriosa Ressur-
reição e da sua Ascensão
ao céu, enquanto espera-
mos sua nova vinda. Nós
vos oferecemos, ó Pai, em
ação de graças, o Sacrifício
de vida e santidade.
(da Oração Eucarística III)**

O Crucificado histórico

Nós, que temos uma certa idade, ainda temos nos ouvidos e no coração a famosa frase da IMITAÇÃO DE CRISTO: “*A vida inteira de Cristo foi cruz e martírio*”. Com efeito, a morte na cruz não é um fato destacável da personalidade e da vida do Salvador, mas o ponto culminante de um processo que forma um curso único da Encarnação a Pentecostes, tornando-se um valor para nós, na medida em que nos comunica a salvação. Tal processo não é automático, ainda que os Profetas tenham antecipado cada uma de suas etapas e ainda que o próprio Jesus se reporte a ele continuamente “para cumprir as Escrituras”. Tal processo é completamente livre, consequência da opção inicial de obediência ao Pai (“*Ao entrar no mundo, Cristo disse: ‘Tu não quiseste sacrifício e oferta. Em vez disso, tu me deste um corpo. Holocaustos e sacrifícios não são do teu agrado. Por isso eu disse: Eis-me aqui. ó Deus, para fazer tua vontade*” (Hb 10,5-7), levada às consequências extremas da morte, e morte de cruz (Fl 2,8); aconteceu, porque ele quis (Is 53,7).

Hoje, não conseguimos imaginar um Cristo que não seja crucificado. As várias discussões escolásticas sobre *o porquê Deus se fez homem* nos soam como um inútil desgaste de massa cinzenta. O próprio Santo Fundador as conhecia – se era efetivamente necessário ou pelo menos conveniente que o Verbo, para nos redimir, devesse se encarnar e morrer (20416), ou se a redenção pudesse se realizar por um anjo ou por um homem santo (20412) –, mas nelas não se deteve. Cristo veio, morreu, nos redimiu. É tudo. “Temos a redenção mediante seu sangue” (Ef 1,7-8). “*O mais importante na doutrina da fé é a salvação conseguida pela cruz*” (São Tomaz, in 1 COR 1).

Não é o caso de adentrarmos na problemática teológica concernente à soteriologia: quem realiza a redenção; como a realiza; em que direção a realiza; o que muda; se a teoria clássica ou dramática, isto é a luta de Cristo para nos arrancar do demônio,

tem um fundamento bíblico ou patrístico; se a teoria anselmiana do resgate e da satisfação vigária, que permaneceu em vigor até há poucos decênios, ainda é válida ou não; se é legítimo explicar todo o mistério pascal apenas com o amor de Deus. Questões interessantes, mas que não nos servem, a partir do momento em que, como o Santo Fundador, queiramos nos aproximar do Crucificado, não tanto com a mente, mas com o coração.

Prescindindo, pois, de qualquer discussão acerca da natureza ou da modalidade da redenção, precisemos apenas um fato: a morte de Cristo na cruz, mais do que um evento jurídico, é um evento religioso e cultural, querido por Deus, para nossa salvação. Abraçando livremente a obediência da paixão, Cristo, sacerdote e vítima, oferece ao Pai um sacrifício latrêutico e plenamente satisfatório, em relação ao qual não se deve insistir no caráter de punição, na medida em que Cristo não foi propriamente um castigado, nem tampouco uma vítima da justiça divina, mas um Homem-Deus que aceitou sofrer por culpa alheia e revelar, em si, a seriedade do amor de Deus pela humanidade. Por isto, segundo as Escrituras, a cruz constitui a pedra angular do mistério pascal, pois sobre ela se cumpriu o sacrifício de nossa redenção. Não que este sacrifício fosse requerido como exigência de justiça. Simplesmente, Deus dispôs que este fosse o caminho a ser seguido para nossa salvação, realizado como um ato livre de amor e não como exigência de uma necessidade. Portanto, ato de amor e não propriamente de justiça. Poderia ter sido outro o caminho da salvação, se assim agradasse a Deus. Segundo Hb 5,9, Jesus se deixou crucificar para não faltar à vontade do Pai, mais do que para reparar sua honra. Sendo, pois, a morte o preço da fidelidade à sua missão, podemos dizer que a experiência de Cristo não está centrada na dor, mas no amor: a cruz é a manifestação e a medida de sua doação ao Pai e aos homens.

Esta doutrina, baseada na Bíblia e retomada em sua plenitude pela teologia pós-conciliar (mas já sublinhada por São

Tomás, *S TH III*, 19, 4), é aquela na qual insiste o Santo Fundador. A morte na cruz, mais do que restabelecer a ordem da justiça lesada, realiza a **mudança do homem mediante a caridade**, que o ilumina, o orienta, o sustenta. Toda a primeira parte do sermão quatro está centrada nisto. Retomando Rm. 5,8 (“*Deus demonstra seu amor para conosco, porque Cristo morreu por nós, quando ainda éramos pecadores.*”), Zaccaria diz: “*O homem era um inimigo e não gostava de Deus; ... [Cristo], vindo ao encontro do seu inimigo, obrigou-o, com a força do amor, a amá-lo de novo... Que amor imenso! Deus humilhou-se tanto para que o homem voltasse a amá-lo e, assim, pudesse salvar-se!*” (20412). Mais adiante, afirma que a finalidade da missão de Cristo é o amor (20423; 20416). Jamais diz o Santo Fundador que a morte de Cristo “apacou” a Deus; jamais diz que ele estivesse “irado” com o pecado. Duas únicas vezes, e de passagem, alude à teoria da expiação (“*Deus mandou seu Filho para a salvação do homem, à semelhança de um servo, dado à morte cruel em troca do homem*”: 20423; “nos deu o próprio Filho”: 20107), mas o faz tão somente para provar que o amor do Pai, a esta altura, nada nos pode negar: “tendo lhe dado seu Filho,” (20112 e Rm 8, 32). “*Quem dá o mais,*” (20107) e refere-se, a propósito, ao desafio de Isaias 5,4: “*O que mais poderia fazer por você, que não tenha feito?*”.

A cruz é, portanto, a máxima celebração do amor de Jesus ao Pai (obediência) e aos irmãos (serviço). Não é um incidente ocorrido a Jesus de Nazaré pela maldade dos homens, mas uma precisa escolha de amor. Amor não desencarnado, mas concreto, que se revela tão seriamente a ponto de se tornar trágico. A efusão de sangue é a mais realista e a mais crível explicitação do quanto Jesus amou e ama seu Pai e seus irmãos.

O Santo Fundador insiste neste aspecto, mas seria errado fazê-lo de modo exclusivo. Os outros aspectos também são legítimos, na medida em que não se absolutizem. É preciso,

sobretudo, evitar dois obstáculos: de um lado, o de ver em Cristo uma vítima da justiça do Pai; e, de outro, o de excluir toda espécie de justiça, para privilegiar apenas a caridade misericordiosa. Talvez a fórmula mais justa seja aquela dos primeiros tempos da Igreja, quando a redenção era apresentada como **reconciliação**, isto é, como ação de Deus que, reconciliando-se com os homens, libera-os da escravidão das potências adversas (pecado, morte, satanás). Não que Deus mude de atitude em relação a nós, sendo ele imutável; a verdade é que ele muda nossa atitude em relação a ele. Com o pecado, a humanidade abandona a aliança; Deus a recompõe no sangue de seu Filho, que nos salva, restituindo-nos a sua presença salvadora.

O Santo Fundador insiste neste aspecto, mas seria errado fazê-lo de modo exclusivo. Os outros aspectos também são legítimos, na medida em que não se absolutizem. É preciso, sobretudo, evitar dois obstáculos: de um lado, o de ver em Cristo uma vítima da justiça do Pai; e, de outro, o de excluir toda espécie de justiça, para privilegiar apenas a caridade misericordiosa. Talvez a fórmula mais justa seja aquela dos primeiros tempos da Igreja, quando a redenção era apresentada como **reconciliação**, isto é, como ação de Deus que, reconciliando-se com os homens, libera-os da escravidão das potências adversas (pecado, morte, satanás). Não que Deus mude de atitude em relação a nós, sendo ele imutável; a verdade é que ele muda nossa atitude em relação a ele. Com o pecado, a humanidade abandona a aliança; Deus a recompõe no sangue de seu Filho, que nos salva, restituindo-nos a sua presença salvadora.

Sendo a morte o preço da fidelidade à sua missão, podemos dizer que a experiência de Cristo não está centrada na dor, mas no amor: a cruz é a manifestação e a medida de sua doação ao Pai e aos homens.

Escândalo e estupidez

A mensagem do Crucificado, manifestação mais alta do amor de Deus, sempre foi pouco entendida pelos homens, desde os primórdios da Igreja até os nossos dias. São Paulo (1Cor 1,23) diz que era “*escândalo para os judeus, estupidez para os pagãos*”.

Os primeiros, habituados ao mais rígido monoteísmo, eram refratários ao mistério trinitário, não podendo conceber que Deus, o Único e o totalmente-Outro, tivesse um Filho e o fizesse se encarnar. Mas, mesmo admitindo que isto tivesse acontecido e que ele tivesse decidido morrer, para os judeus, era uma blasfêmia e um absurdo que tivesse escolhido o único tipo de morte que, na Bíblia, é expressamente maldito: “*Maldito aquele que é suspenso da árvore*” (Dt 21,23). Deus não pode se contradizer a si mesmo; portanto, era absurdo que alguém maldito por Deus fosse seu Filho.

São Paulo, na carta aos Gálatas (3,10-14) responde à objeção de fundo de seus ex-correligionários, afirmando a razão apodítica da *kénosis* total e amorosa de Jesus. *Ele, que foi feito “pecado” por nós* (2Cor 5,21), por nós, também se fez “maldito”, tomando para si a maldição a nós devida. Mas, os argumentos de Paulo foram estéreis: Orígenes (PG 11,773 ...) recolhe todas as zombarias escritas e orais do hebreu Celso; aliás, ainda no tempo de São Jerônimo, os hebreus atribuíam aos cristãos a “blasfêmia” de anunciar como Filho de Deus alguém que fora por ele maldito.

Para entender a mentalidade hebraica, é bom recordar também a reação de Pedro diante de Jesus, quando este anunciou a paixão, e a reação de Jesus diante de Pedro, por ele chamado de “satanás” (Mt 16,23; Mc 8, 33): e, notemos que isto acontece depois da profissão de fé de Pedro e de lhe ser conferido o primado. Os evangelistas falam disso na mesma página!

Os pagãos eram mais debochados. Quem não se lembra do crucificado blasfemo, gravado no “pedagogium” imperial do Palatino, no final do século II e descoberto em 1856, com a inscrição “Alexamenos adora seu Deus”, isto é, um crucificado

com a cabeça de asno? Para os romanos, o suplício da cruz era terrivelmente infame. Cícero o chama de “*o mais terrível e o mais vergonhoso*” (2 *VERR.* 5,64,165), “*uma infâmia que os cidadãos romanos não podem juridicamente experimentar em sua carne e cujo nome, por si só, deve estar longe de suas vistas e de seus pensamentos*” (*PRO RAB.* 5,16). As objeções pagãs contra o cristianismo, colhidas por Latânio nas *DIVINAE INSTITUTIONES* (PL 6,529), estão todas concentradas na cruz e na crucificação: se Deus tivesse mesmo que morrer – admitindo-se que o pudesse – deveria escolher um outro tipo de morte, mais adequado. Juliano, o Apóstata, zombava dos cristãos porque “*cedendo à parte do espírito amante das fábulas, ou seja, à parte pueril e estúpida, adoram a cruz, traçam aquele sinal na fronte e o esculpem na entrada das casas*” (testemunho de São Cirilo Alexandrino, PG 76,560). Porfírio, no dizer de Santo Agostinho (*DE CIV. DEI*, PL 41,307), desprezava Cristo e os cristãos “*por causa da vergonha da cruz*”²¹ e Santo Atanásio (PG 25,4) diz que o motivo das risadas grosseiras dos pagãos pelas costas dos cristãos era o Crucificado. De resto, o próprio autor da carta aos Hebreus não hesita em chamar a cruz de “*ignomínia*” (12,2), “*opróbrio*” (11,26; 13,13), “*infâmia*” (6,6).

A Igreja primitiva repetia com má vontade a mensagem da cruz. Só o fazia, porque não podia evitá-lo. Mas, foi tentada a atenuar a repercussão escandalosa: basta reler o relato da paixão em Lucas e João, para constatar a atenuação sofrida pela narrativa, em relação àquela de Marcos e Mateus. O próprio Paulo teria, com prazer, deixado de falar dela, não fosse a ferida do areópago a rudemente recolocá-lo na linha.

Na verdade, durante os primeiros três séculos, a cruz é e permanece sendo o instrumento usado para as condenações mais abjetas. Por isso, os cristãos evitam representá-la visivelmente, recordando-a de forma discreta com símbolos: o mastro do navio, a âncora, a serpente enroscada em uma planta, um **orante**. E, se os

delírios heréticos de Basilide (isto é, que quem esteve na cruz foi Simão de Cirene e não Jesus) puderam tomar pé, foi exatamente para anular o absurdo que, na lógica humana, significa a morte de um Deus.

Tudo isto é para dizer que a sabedoria orgulhosamente autárquica do mundo sempre recusou uma realidade que não se adapta a seus esquemas, enquanto a Igreja, em seu caminho de fé acolhedora, pôde experimentar o estilo de Deus, revelado por Paulo: *“Enquanto os judeus pedem milagres e os gregos buscam a sabedoria, nós, ao contrário, pregamos o Cristo Crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos; mas, para aqueles que foram chamados, sejam judeus, sejam gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria dos homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que o poder dos homens”* (1Cor 1,22-25). O Santo Fundador diria que os caminhos de Deus são *“sabedoria acima de toda a sabedoria, luz que não se alcança*” (20104).



As fontes

Uma das características da cultura contemporânea é a atitude de desconfiança frente a convicções arraigadas. São consideradas não propriamente errôneas, mas manipuladas por apriorismos, que podem até ser inconscientes. Daí, a tendência a verificar e reinterpretar a realidade, em uma rígida adesão às fontes e a tudo que delas diretamente deriva.

A própria pesquisa teológica e exegética, hoje, focaliza a paixão histórica de Jesus, vista em um panorama global do Cristo histórico. Isto se deve à impositação histórico-científica de nossa cultura e talvez mesmo à interessante problemática extraída dos estudos sobre o sudário.

Não é possível, evidentemente, rastrear, aqui, nas fontes bíblicas, tudo que se refere à paixão. Seguiremos algumas pistas importantes, derivadas do Evangelho e de São Paulo, privilegiando os pontos que o Santo Fundador e os primeiros Barnabitas tenham também sublinhado, para alimentar sua espiritualidade.

As fontes evangélicas podem ser canalizadas em quatro grandes ensinamentos gerais:

- 1. A paixão e morte de Cristo não são coisas autônomas, estando sim inseridas em um plano geral traçado pelo Pai.** Emaús: *“Como vocês costumam a entender e demoram para acreditar em tudo que os profetas falaram. Era necessário que o Messias suportasse tudo isso para entrar em sua glória”* (Lc 24,25-26). *“Ninguém tira a minha vida, eu a dou livremente mas eu dou a minha vida para retomá-la de novo. Tenho o poder de dar a vida e tenho o poder de retomá-la. Esse é o mandamento que recebi do meu Pai”* (Jo 10,18). *“A isto foi predestinado, ainda antes da fundação do mundo”* (1Pt 1,20). *“Este é o testemunho dado no tempo estabelecido por Deus”* (1Tm 2,6).

Ao plano do Pai corresponde a livre e plena obediência

do Filho. “*Não seja feito como eu quero, mas como tu queres*” (Mt 26,39; Mc 14,36; Lc 22,42). “*Agora estou muito perturbado. E o que vou dizer? Pai, livra-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim!*” (Jo 12,27-28). “*Humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz; por isto, o Pai o exaltou*” (Fl 2,8-9).

2. **A obediência até a morte na cruz faz germinar a redenção da humanidade.** “*O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida para a redenção de muitos*” (Mc 10,45; Mt 20,28). “*Se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas, se morre, produz muito fruto*” (Jo 12,24). “*Quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim*” (Jo 12,32). “*Cristo, homem que se entregou para a salvação de todos*” (1Tm 2,6).
3. **A conduta de Jesus torna-se modelo referencial para os cristãos.** Além das frases “*o discípulo não está acima do mestre*” (Mt 10,24-25; Lc 20,28) e “*se alguém quiser servir a mim, que me siga. E onde eu estiver, aí estará também o meu servo*” (Jo 12,26), temos as cinco variantes sinóticas da famosa frase, em que se diz que o discípulo deve carregar a cruz todos os dias e seguir Jesus, com a conclusão apodítica: “*Se alguém quiser me seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e me siga*” (Mt 16,24-25; Mc 8,34-35; Lc 9,23-24; Mt 10,38-39; Lc 14,27, cf. Jo 12,25).

Todavia, quem construiu a “*theologia crucis*” sobre um poderoso fundamento de revelação foi, sem dúvida, São Paulo no chamado “*CORPO PAULINO*”, isto é, naquela abundante temática restaurocêntrica, por ele tratada com assiduidade e à qual dispensa uma importância capital. Nossos primeiros padres a tomaram plenamente, fazendo dela a base de suas vidas e de

seus ensinamentos: *Cum iidem praecipua quadam observantia et cultu erga sanctum Apostolum Paulum affecti essent libenterque eius epistolis volutandis publiceque interpretandis se exercerent, eiusdem Apostoli nomine Congregationem honestari et muniri, et Eo quasi duce Deo militare sunt professi: eo inquam Decollato, cum ita eorum studia postularent, quae non ad doctrinam tantum, sed ad passiones etiam Apostoli imitandas ferebantur*” (Constit. 1579, I,1). (+ tradução na página 27)

Há dois contextos principais nos quais São Paulo desenvolve a teologia da cruz. O primeiro é a polêmica com os judaizantes, que exigiam a observância das prescrições mosaicas como condição necessária à salvação. Contra eles, Paulo pôde afirmar que, se fosse assim, Cristo não precisaria ter morrido (Gl 2,21), como, ao contrário, o fez, exatamente para obter nossa redenção (Gl 3,13; 14). Decerto, pode ser um escândalo esperar a salvação pela cruz (Gl 5,11) e aceitar o Crucificado como modelo para a própria vida (Gl 5,24), mas, aqui reside o âmago da existência cristã: *“Pelo Batismo, fomos sepultados com ele na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos por meio da glória do Pai, assim também nós possamos caminhar numa vida nova”* (Rm 6,4). Para Paulo, ser crucificado com Cristo significa estar livre do pecado; e, ressuscitar com Cristo significa viver a vida do Espírito (Rm 6,6-11). Veremos mais adiante que o Santo Fundador e nossos Precursores escolheram este ponto da doutrina paulina como base de sua espiritualidade e que a tensão homem novo/homem velho é o modo concreto pelo qual podemos modelar nossa existência de homens crucificados-ressuscitados tendo por base a vida de Jesus.

O segundo contexto, no qual São Paulo desenvolveu a teologia da cruz, é a preocupação que lhe causava a comunidade de Corinto, onde – exatamente como, hoje, alguns fazem com o “Cristo ressuscitado” – insistiam em separar o “Cristo celestial”, reconhecido como Senhor, do “Cristo terreno”, que padeceu e morreu. Apelando apaixonadamente para a cruz, Paulo afirma que

a Igreja e os sacramentos devem sua existência ao fato de Cristo ter sido crucificado por nós (1Cor 1,13) e que esta doutrina é loucura apenas para quem se perde, sendo, no entanto, para os que crêem, a suprema sabedoria (1Cor 1,18-31). Deve-se desconfiar de toda pregação que não se reporte ao Cristo crucificado (1Cor 2,1-5).

Deixando de lado estes dois contextos principais, diga-se que a “*theologia crucis*” está presente em todo o epistolário paulino, em contínuas referências e alusões. Os textos são tão abundantes que se pretendeu até encontrar neles algumas contradições. De todo modo, os exegetas concordam que há quatro pontos-chave, nos quais São Paulo expressou claramente seu pensamento:

1. O autor de nossa salvação é o Pai;
2. seu protagonista é o Filho, com sua obediência até a morte;
3. o evento da cruz pertence também a nós, que, com o batismo, fomos incluídos em Cristo morto e ressuscitado;
4. em seguida a esta inserção no mistério pascal, tornamo-nos filhos adotivos de Deus e irmãos de Jesus, reproduzindo em nós o mistério de sua morte (do pecado) e ressurreição (para a vida do Espírito, de quem somos templo).

Esta doutrina não permanece parada na teoria, mas se concretiza na prática. Paulo, desde o momento de sua conversão, sabe que sua missão de pregoeiro do Evangelho foi certamente marcada pela cruz (At 9,16), mas, sabe também que a cruz é a garantia de sua vocação e de sua obra (Gl 6,17), tendo sido ele chamado, como todos os cristãos, para completar, em sua própria vida, o que falta à paixão de Cristo para a redenção do mundo (Cl 1,24). A própria identificação com Cristo, ou, como ele plasticamente diz, o “revestir-se do Senhor Jesus” (Rm 13 14; Gl 3,27; Cl 3,10), meta irrenunciável de todos os cristãos, só é possível através da cruz (Gl 2,20): não uma

cruz extraordinária, mas, uma cruz cotidiana, feita de trabalho, de cansaço, de pobreza, de paciência, de ânsia pelas Igrejas, de incompreensões, de intrigas dos falsos irmãos e de pouco discernimento dos irmãos verdadeiros.

Sem este precedente paulino é impossível compreender o Santo Fundador. Eis porque, na liturgia renovada do dia 5 de julho, foi mantida a oração a Deus para nos fazer apreender a “*supereminentem Jesu Christi scientiam spiritu Pauli Apostoli*”: o Paulo que quis ver nosso Santo Elevado, isto é, no ato da suprema conformação ao Crucificado, mediante a efusão do sangue.

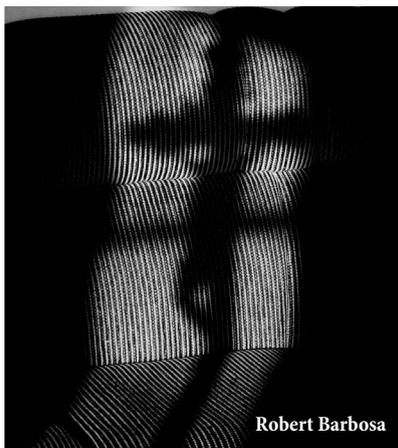
No entanto, para os atuais filhos de Zaccaria, o Senhor concede uma outra graça: além das fontes evangélicas e paulinas, dispõem também das fontes conciliares do Vaticano 2°. Até omitamos os textos que dizem respeito à cruz do Mestre, mas não nos esqueçamos dos que dizem respeito à cruz do discípulo. Os principais:

- “*Como Cristo realizou a redenção através da pobreza e das perseguições, assim também a Igreja foi chamada a trilhar o mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação*” (LUMEM GENTIUM 8).
- “*Para que a missão de Cristo continue, é necessário que a Igreja siga o mesmo caminho de Jesus: ou seja, o caminho da pobreza, do serviço, da própria imolação até a morte*” (AD GENTES 5).
- “*Que o povo de Deus difunda por toda parte o Reino de Cristo, caminhando pela via estreita da cruz*” (AD GENTES 1).
- “*Nos vários estilos de vida, uma santidade única é cultivada por quantos, movidos pelo Espírito e obedientes à voz do Pai, seguem Cristo pobre, humilde e sob o peso da cruz*” (LUMEN GENTIUM 41).
- “*Que [Os futuros sacerdotes], com especial dedicação, sejam educados para a obediência, para um modo de*

vida pobre, para o espírito de abnegação, de forma a se habituarem a viver em conformidade com o Cristo Crucificado: Christo Crucifixo se conformare assuescant” (OPTATAM TOTIUS 9).

- [O futuro agente pastoral] “*deve se habituar a suportar a solidão, o cansaço, a esterilidade dos próprios esforços (infructuosum laborem!); traga sempre a morte de Jesus em seu coração, a fim de que seja a vida de Jesus a agir sobre aqueles a quem é enviado” (AD GENTES 25).*

Basta para concluir como Paulo, que o mistério pascal é uma realidade estruturada e dinâmica, viva e operante em nós, mesmo que só tenha sua plena realização na ordem escatológica.



“Assim, como eles (os Clérigos Regulares) estivessem tomados por admiração pelo santo Apóstolo Paulo, o cultuassem e se ocupassem com gosto em manusear e explicar publicamente suas Cartas, decidiram honrar e proteger a Congregação com o nome do mesmo Apóstolo; e professaram servir a Deus, tendo-o como guia; ele, digo, degolado; pois assim o exigiam suas reflexões, que os levavam não só a imitar a doutrina do Apóstolo, como também os seus sofrimentos.”

Constituições dos Clérigos Regulares de São Paulo, aprovadas por Gregório XIII, em 7 de novembro de 1579.

LIVRO Iº – CAPÍTULO Iº, n. 1

A cruz do discípulo

Nos primeiros tempos da Igreja, o martírio foi entendido como a forma do perfeito discipulado. A carta aos Romanos de Santo Inácio de Antióquia é sua clássica exaltação. No entanto, ainda vigentes as perseguições, a Igreja ensinou que o cristão se conforma a seu mestre não apenas através da morte, mas também através da mortificação, inculcada por São Paulo, que via no batismo a destinação de todos os cristãos à crucificação quotidiana.

O tema se aprofundou quando os mestres espirituais sentiram a necessidade de prover a legitimação teológica da vida eremita e cenobita, que é, em última análise, a legitimação de toda forma de vida religiosa: o discípulo, respondendo ao chamado do Cristo vivo, escolhe seu próprio estilo de vida sobre a terra, para permanecer em comunhão total com ele. E, como Cristo abriu amplo espaço para a cruz, assim o discípulo abraça-a com amor preferencial, sem, no entanto, isolá-la do contexto geral do “seguimento”. Tal preferência indica não só fé no sacrifício de Jesus, mas conformação a seu desejo fundamental de obediência ao Pai e participação em uma vida destinada a se desenvolver com a morte.

Decerto, nem toda dor é cruz, mas pode assim se tornar se for vivida na fé e na caridade. Compreende-se, então, que o que fez Jesus sofrer foi o pecado, que devemos combater, porque este sempre encontra uma certa cumplicidade mesmo nos justos; aliás, o pecado se encontra em nós, enquanto vivermos (Rm 7,17). Por outro lado, compreende-se que o amor do Cristo glorioso, agora, para nós, é o mesmo que nos demonstrou quando morreu. Portanto, não podemos compreender e amar o Ressuscitado se não **sentirmos** e amarmos o Crucificado. Daí, aquela santa “loucura da cruz”, que é consequência de amor e geradora de amor.

Hoje, não se tende mais, como antes, a se atormentar para explicar a dor; compreendemos que a posição mais sábia é a de Jó, que encontrou a paz quando parou de raciocinar para abandonar-

se em seu Deus. Tampouco se insiste na função positiva da dor, pois isto é tão verdadeiro, quanto falso. É certo que a experiência registra casos de surpreendente crescimento espiritual devido ao sofrimento físico ou moral, mas também registra outros casos em que o indivíduo saiu embrutecido ou até mesmo esmagado. O que faz bem para um, pode fazer mal para outro. O Santo Fundador cita os casos de Santo Antônio abade e de São Paulo, o primeiro eremita: os dois se retiraram para o deserto por motivos diametralmente opostos (20519).

Com razão, a Igreja não insiste em uma teoria do sofrimento, simplesmente anunciando e propondo um acontecimento único na história humana: o amor de Deus manifestado no sofrimento e na morte redentora de seu Filho encarnado. A radicalidade deste amor convida à correspondência. E, na medida em que o espírito necessita do real, do concreto, para se expressar e agir, eis sua tendência a se encarnar em formas eficazes. Ao discípulo parece que somente assim conseguirá demonstrar sua própria sinceridade e a fé no “sacramento” da cruz, cuja energia salutar parece mesmo estimular e potencializar sua atividade, levando-a a manifestar o amor em formas novas e eloqüentes. A cruz não tem e nunca teve um significado estático: ela induz a ultrapassar cada ponto de chegada, para prosseguir adiante. Talvez por isso o Santo Fundador tenha pregado tanto a luta contra a tibieza e inculcado tanto o fervor: estava tomado pela dinâmica do amor ao Crucificado.

Muitos são os motivos que levam o discípulo a abraçar a cruz. Antes de tudo, o fato do Pai tê-la escolhido para seu Unigênito. O fato da escolha divina é prova de sua bondade. Os caminhos de Deus hão de ser percorridos e não discutidos. O Santo Fundador diria: *“E se ele foi por este caminho, ...”* (20615). A própria resposta racional virá, mas não como fruto de um esforço especulativo, e sim da autenticidade da experiência religiosa.

Por outro lado, é a consciência do pecado que determina o

impacto existencial com a cruz do Redentor. Isto pode determinar ou a necessidade de expiação pelos pecados próprios e alheios, ou a necessidade de manifestar concretamente o próprio reconhecimento pelo perdão recebido, ou ainda a necessidade de perseguir uma decidida disciplina ascética, na medida em que somos verdadeiramente pecadores e verdadeiramente inclinados ao mal. *“A Igreja, que comporta em seu seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre necessitada de purificação, não descuida da penitência e da renovação”* (LUMEN GENTIUM 8). O pecador sente que Deus lhe concede o resgate da dor.

Na verdade, hoje, há um certo desconforto em nos qualificarmos de pecadores. Nós sacerdotes, quando confessamos, constatamos que os penitentes evitam a palavra “pecado” e falam de “fraqueza”, de “erro”, de “engano”. No entanto, são exatamente a humildade e a sinceridade cristã de nos reconhecermos pecadores que nos dão oxigênio e otimismo. Não haveria esperança para nós, se o mal, em nossas vidas, fosse o resultado de taras hereditárias ou de erros, que sempre poderiam escapar a nosso controle humano. Seríamos vítimas. Ao contrário, quanta força e quanta esperança, quando simplesmente nos reconhecemos pecadores: vítimas sim, mas tão somente de nossa fraqueza, que podemos prever com nosso controle humano e suportar com a graça divina. Quanta dignidade e esperança, quando podemos dizer com sinceridade: “Por minha culpa, minha culpa, minha máxima culpa!”. Só dependeu de mim, pecador! Então, sente-se a necessidade de jogar fora, seriamente, o lençol de morte que tantas vezes apertamos junto ao peito, para atingir a verdadeira libertação de nós mesmos. *“Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?”* (Rm 7,24).

Por outro lado, a cruz pode ser, enfim, escolhida como método de apostolado. *“Agora, eu me alegro de sofrer por vocês pois vou completando em minha carne o que falta nas tribulações de Cristo, a favor de seu corpo que é a Igreja”* (Cl 1,24).

Se quisermos anunciar a salvação da cruz, também devemos

vivê-la; se não, seremos tomados por traficantes de moeda falsa. Em um mundo que, mais do que nunca, se faz presa do bem-estar e da secularização, nossa palavra produzirá salvação, na medida em que provenha da vida. “Nosso tempo – dizia Paulo VI – tem mais necessidade de testemunhos do que de mestres”. E, o testemunho, não só para o nosso tempo, mas para todos os tempos, é que o método de Deus revelado em Cristo não consiste na eficiência, mas sim na fraqueza. *“Quando sou fraco, então é que sou forte”* (2Cor 12,10). *“Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor; isso Deus escolheu para destruir o que o mundo acha que é importante”* (1Cor 1,27-28).

Como nossa pastoral está distante desta linha! Na teoria, todos a aceitam; na prática, só aqueles que têm uma fé capaz de ficar *“esperando contra toda esperança”* (Rm 4,18), porque entenderam a lição de Jesus, que, durante a paixão, não pediu ao Pai as doze legiões de Anjos (Mt 26, 53), por estar seguro de que na fraqueza do amor crucificado residia a força da vitória.

Olhando a história, é sintomático notar que a Igreja vence e se expande quando é perseguida. Isto, nos séculos passados e isto, ainda hoje, na Igreja do silêncio. Mesmo o Apocalipse, lançando uma longa ponte na direção do futuro, prevê que a Igreja deverá perder muitas batalhas para vencer a sua guerra. Por isso, pode-se dizer, com propriedade, que quando a metodologia da ação salvadora corresponde à de Cristo, a Igreja “salva morrendo”, ou seja, recebe vida de sua própria morte, progredindo e renovando-se; quando, ao contrário, declina ou se desvia disto, registra paradas ou involuções. Por que isso? Porque deve se convencer de que não é ela a fonte da salvação, mas apenas *“sacramento de salvação”*, ou seja, sinal e instrumento. A única coisa que pode fazer é conformar-se à verdadeira fonte, que é Cristo, para lhe conceder uma “passagem” adequada (uma verdadeira “páscoa”) nas almas. Cristo só salva o mundo se a Igreja se adequar ao

mistério pascal, no qual a glória da ressurreição é atingida através do atalho da cruz. A “*teologia da cruz*”, claramente expressa no papel desde os tempos de São Paulo, deve se tornar “*metodologia da cruz*”, mais do que clara nas pastorais nossas e alheias. Jesus disse no Evangelho: “*Ai de vocês, se todos os elogiam!*” (Lc 6,26); mas, nós ficamos felizes quando aplaudidos e quando podemos contar com estruturas competitivas, convencidos como estamos de que o conceito de eficiência está ligado ao de poder, e não ao conceito evangélico de fraqueza.

A Igreja, que já se qualificou de “militante”, hoje, prefere se definir “peregrina e crucificada”, não só porque a perseguição não lhe faltará jamais, não só porque está destinada a se desenvolver por meio da cruz, mas também por absoluta inadequação de suas forças e de seus recursos humanos para cumprir a formidável tarefa que lhe foi confiada. Talvez seja exatamente essa *kénosis* de nos sentirmos profundamente e nos aceitarmos como “*servos inúteis*” (Lc 17,10) o testemunho que a Igreja, hoje, tenha necessidade de receber de si mesma, para caminhar na direção justa. A menos que o triunfalismo inato dos cristãos, que não são santos, reduza isto também a um refinado instrumento de êxito: mas, dos frutos logo se reconheceria a árvore e a própria vida se encarregaria de separar o grão de seu invólucro.



**Se quisermos anunciar a salvação
da cruz, também devemos vivê-
la; se não, seremos tomados por
traficantes de moeda falsa.**

Cruz passiva e cruz ativa

As diversas atitudes do discípulo em relação à cruz são reagrupadas pelos autores espirituais em duas correntes principais, denominadas cruz passiva e cruz ativa.

Partindo-se da premissa de que a cruz nunca é totalmente passiva, pois implica em intensa atividade de fé e caridade daquele que a sofre, hoje, aceita-se sem dificuldade tal classificação, porque expressa de forma bastante clara as duas atitudes fundamentais do discípulo

A cruz passiva é assim denominada porque atinge o discípulo sem sua iniciativa. É considerada uma “visita de Deus” que purifica seus filhos, mediante provas, doenças, perseguições. Frequentemente, somos convidados a acolhê-la das mãos da Providência, com espírito de abandono filial, sabendo que Deus jamais nos submete a provas que estejam além de nossas forças (1Cor 10,13), ou que, mesmo que o fizesse, colocaria em nossas mãos um meio poderoso para nos manter à altura, dizendo-nos: *“Peçam e receberão, batam e lhes será aberto”* (Lc 11,9). Esta cruz ajuda a entender que a vida não é um bem de consumo, mas uma missão e, além disso, uma missão que não é imediatamente clara, mas que se compreende, vivendo-a. Fé e fidelidade ajudam a não fugir, e, mais do que isso, a crescer nela; e o crescimento pode alcançar o extremo heróico de experimentar verdadeira alegria no sofrimento e de senti-lo profundamente como um imenso dom de Deus, agradecendo por ele e fazendo dele motivo de orgulho. São Paulo chegou a este extremo, quando escreveu aos Coríntios: *“Estou cheio de consolo, transbordando de alegria em nossa tribulação. Na verdade, quando chegamos à Macedônia, nossa pobre pessoa não teve um momento de sossego; sofremos toda espécie de tribulação ...”* (2Cor 7,4-5), ou, quando escreveu, com altivez apostólica, aos Romanos, aos Coríntios e aos Gálatas, que se orgulhava do quanto sofria por Cristo (Rm 5,3; 2Cor 11,30; Gl 6,14). O Santo Fundador e seus primeiros companheiros

procuraram imitar diligentemente o exemplo do Apóstolo e devemos dizer que, em grande parte, conseguiram, como bem documenta o famoso discurso de 4 de outubro de 1534

Tal extremo, porém, é difícil de alcançar, especialmente quando se sofre por um motivo injusto ou por culpas falsamente atribuídas a nós. Cem vezes melhor sofrer pela fé: apesar de tudo, aí, a pessoa se sente em companhia dos mártires e antegoza a bem-aventurança anunciada pela Palavra de Deus: *“Felizes de vocês se os homens os odeiam, os expulsam, os insultam e amaldiçoam o nome de vocês por causa do Filho do Homem. Alegrem-se nesse dia, pulem de alegria, porque será grande a recompensa de vocês no céu ...”* (Lc 6,22-23; Mt 5,11-12). Mas, quase insuportável é a cruz que pode vir da própria Igreja, quando, eventualmente, nossa boa vontade for mal entendida e acusada de heresia. Então, desmonta mesmo o último sustento humano e nada mais há a fazer a não ser se abandonar nos braços do Pai. O Santo Fundador e nossos Precursores o experimentaram; e quem conhece seu amor pela Igreja e pelas almas pode entender o sofrimento que experimentaram quando, para eles, a própria Igreja se tornou cruz. Também na época do Modernismo, o Senhor “visitou” assim alguns de nossos Confrades. São momentos em que a pessoa, se os vive com fé pura, entende o que quer dizer o Evangelho, quando fala em “perder-se para se encontrar”.

Nós, porém, somos demasiado pequenos e frágeis para imaginar que nos possa acontecer algo similar. O Barnabita, Padre Citterio dizia a seus noviços: “Certas provas o Senhor manda, ou aos grandes santos, ou aos grandes pecadores; vocês não são nem um, nem outro; portanto, fiquem tranquilos”. Pode acontecer, no entanto, que se realize o que diz o Santo Fundador nas Constituições, ou seja, que o sofrimento mais agudo possa chegar a nós até em consequência de nossa boa vontade e de nossos Confrades, que, ao contrário, deveriam nos encorajar e nos ajudar: *“Esta batalha será a mais dura entre todas as outras ...”* diz nosso

Santo (31825). Na realidade, alguns foram oprimidos desta forma. Mas, se este sofrimento vier, devemos entender que também este é um dom de Deus, pois “*a virtude sem contrariedade tem pouca ou nenhuma consistência*” (31807).

Ai de nós, porém, se idealizássemos estas situações como expressões da lei da cruz e não fizéssemos tudo para sair delas o mais rapidamente possível! Há um “perder-se” anterior para um “encontrar-se” mais seguro: é o de quem se coloca a serviço do outro, evitando se tornar um estorvo para ele, não insistindo no que não é essencial, aceitando seus humores e também seus maus-humores, suportando os pesos de suas virtudes e seus defeitos, esquecendo-se de si. A perseguição e a injustiça sempre poderão vir; aliás, estão a cada volta do caminho. Mas, é o caminho cristão percorrido no estilo da *kénosis*, ou seja, com disposição da mais pura oblação possível a Deus e aos homens.

Por sua vez, a cruz ativa é assim denominada porque a iniciativa cabe ao discípulo. O exemplo vem de Cristo, que, por si mesmo, aceitou uma condição humilhante, por si mesmo, se fez obediente ao Pai, por si mesmo, foi ao encontro da morte. Assim, também o discípulo, por si mesmo, toma a própria cruz para seguir Cristo a todo custo.

Até pouco tempo, estimulava-se a adoção da cruz ativa, a menos que se tornasse nociva para a saúde física ou psíquica, ou reduzisse as forças a tal ponto de impedir o perfeito cumprimento dos próprios deveres. No entanto, nos últimos cinquenta anos, a parênese mudou seus focos: a luta contra a opressão, o subdesenvolvimento e a miséria foi posta em destaque como um dos principais postulados da caridade cristã; assim, a cruz ativa passa a ser entendida como esforço para aliviar, por todos os meios, os sofrimentos alheios, com isso se expondo a ser alvo da injustiça. Sendo assim, a pregação da cruz é vista com suspeição; a prática dos exercícios ascéticos, se não foi deixada de lado, de todo modo se reduziu bastante, não apenas em ambientes onde a

fé se esfriou, mas também nos motivou com forte espiritualidade. As próprias diretrizes da Igreja insistem menos sobre esse ponto, assim como as novas constituições das ordens religiosas.

É certo ainda que as práticas ascéticas, se não nascem da caridade e não conduzem à caridade, podem se degenerar e se tornar farisaicas; mas, é injusto tachá-las de intimismo, falta de empenho, ou busca de segurança. O Santo Fundador, ao longo de toda a carta 11, insiste em sua conveniência, ou melhor, na necessidade das cruces ativas, ou seja, da livre escolha de comportamentos contrários às reações instintivas, mesmo que não sejam pecaminosas. Estas cruces se tornam pedagógicas, na medida em que a fidelidade ao seguimento de Cristo pode, cedo ou tarde, chegar a momentos extremos, nos quais só se sai bem quem tem certo treinamento; e isto só se adquire com o tempo, privando-se periodicamente também de coisas lícitas. Até os povos primitivos conhecem o valor pedagógico das renúncias e submetem os jovens a iniciações dolorosas, antes de admiti-los como adultos na tribo. A filosofia antiga considerava necessário certo rigor de vida para se atingir a sabedoria (e o Santo Fundador lembra: “*Experimentem-nos com todo tipo de injúrias e grandes humilhações que não sejam ‘fogo de palha’ ... durante muito tempo, não de modo diferente do que faziam os filósofos ou mesmo os antigos Santos Padres*” (31111); também a Bíblia insiste no conceito de pedagogia dolorosa, quer aceita, quer procurada (Pr 3,12; Hb 12,6; Ap 3,19), tanto que o Santo Fundador considera um castigo não receber sofrimentos por parte de Deus ou não procurá-los (10101).

É construtor e não destruidor da própria personalidade, quem reorienta e crucifica continuamente suas tendências recorrentes que o desviam de Deus. É construtor também da sociedade, porque quem se opõe às próprias paixões, cedo ou tarde, se oporá também às dos outros e, além disso, será na

medida certa, isto é, sem ser injusto no próprio ato de fazer justiça.

Hoje, porém, diante da onda de psicologismo que nos atinge praticamente a todos, a cruz ativa não atrai. Insiste-se, ao contrário, em uma pedagogia de satisfação e numa moral de liberdade, condenando-se toda forma de repressão. Mas, nem todos os psicólogos pensam assim. Para muitos deles, a tendência interna positiva ao crescimento e à auto-realização não implica necessariamente numa contínua satisfação das necessidades. Ao mesmo tempo, prejudicam a maturidade humana, tanto a ameaça que provoca frustração como a própria frustração e a satisfação contínua e completa da vontade. Essa não produz automaticamente um sistema de valores nos quais crer e aos quais possamos nos entregar com amor; ao contrário, é provável que a essa se siga cansaço e náusea. É um dado de fato que os homens jamais se satisfazem permanentemente, inclinados como são a se cansarem das vantagens obtidas, a esquecer-las, a não valorizá-las mais. Mesmo os maiores prazeres podem se tornar vazios, porque a satisfação leva a uma felicidade apenas temporária, à qual se segue uma maior e imperiosa insatisfação. As pragas de nosso tempo, aí incluída a droga, nos ensinam isso. Ora, sentir falta de algo essencial e procurar consegui-lo constitui, para muitos psicólogos, a única definição de vida com algum significado.

Certamente, pode ser danosa ao desenvolvimento harmônico da vida psíquica a repressão indiscriminada da própria espontaneidade. Hoje, ninguém ousaria tomar ao pé da letra o conselho da ascética tradicional, isto é, buscar sempre e em todos os casos a maior mortificação de si, escolhendo os comportamentos que, mesmo nas coisas lícitas, se oponham mais fortemente às próprias tendências naturais. Esta orientação poderia levar à neurose e a ascética cristã, não inutilmente, insiste no equilíbrio, no discernimento, na dosagem conforme as circunstâncias e

necessidades.

Mas, exatamente porque o conflito no homem é inelutável, também deve ser inelutável o esforço para superá-lo, a fim de que esse não se torne patológico. Isto pode acontecer inconscientemente, através de mecanismos de defesa, que, no entanto, não são os únicos a resultarem negativos a longo prazo, pois conduzem à fixação. Ao contrário, melhores são as superações voluntárias, nas quais o homem-cristão não se coloca em posição de defesa, mas sim de conquista. Então, o próprio projeto de vida se realiza e se clarifica em um processo contínuo, sempre em relação de amor com a vontade de Deus, que surge das situações concretas. Tal processo se sublima à medida que se passa à motivação adulta da própria conduta, pois crescendo qualitativamente nossos impulsos se integram em novas orientações interiores que satisfazem tendências de natureza mais universal.

Certamente, será preciso estar sempre com os olhos abertos para superar os pontos críticos, que sempre voltam, já que nenhum homem aqui embaixo está confirmado na graça: um “ciclone repentino” pode mandar tudo para o alto. Por isso, são necessárias a humildade, a serenidade, a oração, e sobretudo ter alegremente viva e presente em nós a opção fundamental com que nos entregamos a Deus “sem reservas”. Pensemos na importância da reserva de gasolina para um automóvel ou uma motocicleta. Nós temos comportamentos e reações semelhantes no serviço de Deus. Enquanto não os tivermos eliminado, nenhum passo nosso no caminho de Deus será definitivo. Com efeito, enquanto a simples possibilidade de voltar atrás ou de tomar outro caminho não for vista por nós como um fator negativo – aliás, trágico – não poderemos dizer que estamos convertidos.

O Santo Fundador e o Crucificado

Desçamos agora à nossa realidade barnabita, começando pelo Santo Fundador, cuja devoção ao Crucificado é notória. Não se trata de fazer uma reconstrução histórica, mas sim de aprofundar as razões e maneiras pelas quais nossos Primeiros viveram o mistério da morte e ressurreição a que todos somos chamados, e assim segui-los para não sermos “degenerados e ilegítimos” (10505 e 11011).

Abrindo os manuscritos de autoria de nosso santo Pai, não podemos deixar de ter uma impressão profunda: cada página, no centro da margem superior, traz a invocação a Jesus Cristo Crucificado, que também constitui o título do presente opúsculo: IC. XC. +. Em seguida, percorrendo as linhas de seus escritos, notamos que o Crucificado – especialmente nas Cartas – é o aspecto habitual em que ele vê a divindade. E mais: ainda nos escritos encontramos algumas frases que nos parecem no mínimo estranhas: “*a doce memória da cruz de Cristo*” (11109); “*a doce paixão de Cristo*” (31011); “*os efeitos da Paixão de Cristo*” (20608). Talvez seja o eco do trecho “*tão bem-aventurada paixão*” do cânone romano por ele pronunciado todos os dias? Ou do “*ó doce lenho, ó doces cravos, que sustentam o Doce peso*” da Sexta-Feira Santa? Não sabemos. Decerto, esta familiaridade é sinal de amor: indica a centralidade do Crucificado na vida do Fundador. E o Crucificado é exatamente o vértice mais alto de santidade atingido pela santa Humanidade de Cristo: aquele amor! aquela dor! com aquela sensibilidade! com aquela perspectiva de reconhecimento! Pensando nisso, parece que o próprio Cristo queira se apresentar crucificado, pois este é seu único mistério perpetuado: a Eucaristia! Esta lição foi bem compreendida por todos os santos, aí incluído o nosso, que chamam o Crucificado de seu “livro” (11109).

Podemos nos perguntar por que o Santo Fundador se tenha detido nesse e não em outro aspecto do mistério de Cristo. A

pergunta pode ser inútil, até porque não há uma resposta precisa para explicar tal escolha. Mas, talvez tenha sido o próprio Deus que o reforçou providencialmente, preparando-o para o impacto com São Paulo, que fez o resto. Órfão de pai aos dois anos Antônio Maria cresceu em uma família que viu o declínio de suas finanças em um tempo que foi cenário de contínuas guerras, com epicentro exatamente em Cremona. Mesmo o período universitário em Pádua, excluídas as satisfações intelectuais, deve ter sido de solidão e sofrimento. Voltando a Cremona, seus ideais escapam pelos dedos: pensa em exercer a medicina, mas Deus faz com que se torne padre; pensa em entregar-se mais intensamente ao apostolado que iniciara como leigo, mas Deus faz com que se torne capelão na cidadela de Guastalla; em Guastalla, pensa em se entregar à mística, mas Deus o coloca no caos de Milão; apoia-se espiritualmente em Frei Batista, o homem que amou intensamente e que o orientou para ser padre, mas Deus leva Frei Battista para si, devendo nosso Santo resgatar a honra do frei e a sua fidelidade à Vida Religiosa junto aos superiores dominicanos; em Milão, transforma a Eterna Sabedoria em um grupo especializado para a tão almejada reforma da Igreja, mas Deus permite que ele e seus companheiros sejam processados como hereges. Francamente, parece-me que o próprio Deus o guiou por um caminho de cruz para que abraçasse um ideal de cruz. O impulso final quase certamente veio das Cartas de São Paulo e do livro **Filosofia Divina** de Frei Batista, além das obras de São Gregório Magno, que os nossos primeiros padres liam e meditavam. São Gregório trata com especial frequência do tema da cruz do discípulo, desenvolvendo-o como uma verdadeira teologia da cruz.

Talvez seja apenas o caso de precisar que esta predileção do Santo Fundador pela cruz não nasce de uma antropologia tendencialmente dualística, como se o progresso espiritual consistisse na liberação da matéria. Para ele, as paixões são **boas** (cf Sermão 5), como para a Bíblia todas as coisas são boas, aliás

“*muito boas*”. O dualismo, que é sempre uma cilada nos autores espirituais, sequer aparece nos Escritos do nosso Santo. É lógico, pois a cruz não pode renegar a encarnação.

Está documentado que, nos anos em que nossos primeiros padres moraram no convento de Santa Catarina, portanto no tempo do nascimento da congregação, eles meditaram profundamente sobre a *kenosis* do Crucificado e iniciaram a vida crucificada na vontade e na carne, a qual se tornou sua característica. Todos conhecem a dura disciplina de cruz a que se submeteram, com mortificações em particular e em público. As duas perseguições (1534 e 1537) foram a prova da experiência e deixaram na crua realidade existencial as conclusões de suas reflexões espirituais e bíblicas; talvez também os tenha convencido de que, apesar do vivíssimo amor que tinham pela Igreja e pela ortodoxia, estavam sendo perseguidos, e que tudo isso era vontade de Deus. Daí resultou uma sólida síntese de teoria e prática, mas com decisiva prevalência da prática, na qual a *kenosis* do Crucificado – isto é, o esvaziamento que o Senhor fez de si e de sua divindade para operar nossa salvação – se tornou uma das marcas da espiritualidade barnabita: emprestar nossa vida ao Senhor para que prolongue em nós, para salvação do mundo, seu mistério de morte e ressurreição.

Podemos perguntar a nós mesmos por que nossos primeiros padres não ressaltaram os valores humanos, componente importante da vida espiritual. O século XVI, com toda a herança do Humanismo histórico e o Renascimento em plena explosão, não necessitava de que insistissem nisso. Já havia espírito humanista em excesso! Mais tarde, com Santo Alexandre Sauli, este será

recuperado e sintetizado.

Para Zaccaria, a cruz é o coroamento da revelação. O sermão 6 explica que a humanidade conheceu Deus inicialmente através da criação (“*o livro das criaturas*”); posteriormente através da Bíblia (“*o livro da Escritura*”); e, finalmente, de modo claramente explicado, pela Encarnação. “*Você quer ver como é que Deus fez estas criaturas para que cheguem até Ele? Até os benefícios especiais, próprios só da humanidade - como, por exemplo, a Redenção - Deus os mostrou de maneira sensível. E Ele fez isso para que - por meio dessas coisas, que são conhecidas por nós, porque as vemos a toda hora - pudéssemos chegar a Ele mais facilmente e nos lembrar Dele com maior freqüência.*” (20604). Cristo nos ensinou o caminho com seu exemplo e sua palavra (20414); eis porque deve ser nosso modelo, sobretudo para aqueles que fazem a profissão de segui-lo na estrada da perfeição evangélica.

A santidade consiste na imitação **verdadeira** de Cristo Crucificado (30803), pois o objetivo da congregação é chegar à caridade perfeita através do caminho da cruz (31829 e 31904). “*Chegar à intimidade com o Cristo Crucificado*” (10316); “*andar pelo caminho da cruz*” (10402); “*aceitando e carregando a cruz*” (10711): são frases indicativas de que o único modo de agir seriamente e evitar as ilusões é carregar com boa vontade a cruz. “*Quem procurar evitar as injúrias e sofrimentos, certamente permanecerá na tibieza* (31218). E se são poucos os que atingem a santidade, a razão é simples: é “*porque são pouquíssimos os que querem realmente carregar a cruz de Cristo e aceitar os insultos*” (31826), mesmo dentre os religiosos que, embora fazendo profissão de perfeição, não chegam lá exatamente porque esvaziam a essência da vida religiosa, que é “*uma cruz contínua e pouco a pouco*” (20135).

A verdadeira imitação do Crucificado dá uma experiência luminosa de Deus e de seu mundo: “*Vocês conseguirão isso na*

verdadeira imitação de Jesus Cristo Crucificado, com a vitória total sobre si mesmos e com o domínio de suas paixões. Desse modo, vocês conseguirão uma ciência tal que conseguirão até convencer filósofos!” (30805). No entanto, assim como o cristianismo não é uma ciência, mas uma vida, esta luz divina que experimentamos se transforma no calor da caridade, deixando o Crucificado atuar em nós e nos preocupando somente em “*ser fiéis a Cristo*” (11109). Com efeito, é ele que opera nossa santidade (10914); é ele que quer produzir frutos em nós (11107); e nós somos capazes de não desiludi-lo, desde que correspondamos a Ele: “*Quero e desejo - e vocês podem, se quiserem -, que se tornar grandes santos, preocupando-se com o aperfeiçoamento de suas qualidades e com o gesto de oferecê-las de volta ao Cristo Crucificado, pois vocês as receberam Dele*” (11106). Aliás, somos obrigados a não desiludi-lo, se é verdade que nos chamamos “Filhos e Filhas de São Paulo” (tal era a denominação inicial de Barnabitas e Angélicas), pois nossos Pais assim o foram. “*Lembrem-se do seguinte: São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados*” (10505). A frase é forte, mas passa muito bem a ideia.

Toda essa insistência na imitação do Crucificado encontra seu auge na carta 9, que talvez seja o âmago da “*doutrina da cruz*” de nosso Santo. Nessa carta, ele recomenda que se diga às Angélicas que “*Paulo lhes apresenta um Cristo crucificado em todos os sentidos: não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas; e insista para que assimilem bem esta ideia*” (10914). A insistência em uma vida de real comunhão com o Crucificado, entendido como aquele que necessita de nós, de nossa

existência, de nossos corpos, para prolongar seu mistério de morte e ressurreição, encontra aqui seu fundamento bíblico. Cristo está crucificado em nós; ele prolonga em nós sua crucificação. Hoje, a frase de São Paulo aos Gálatas (3,1) não é mais criticamente entendida como soa a carta no texto latino (“*ante quorum oculos Iesus Christus praescriptus est in vobis crucifixus*”), mas a nós não interessa mais do que isso. Interessa sim ressaltar a importância que nosso Santo deu a esta referência paulina (“assimilem bem esta ideia”), por ele sentida e decerto experimentada como grávida de consequências práticas.

Todavia, se quisermos reduzir a questão ao extremo e perguntar-nos em que, precisa e praticamente, se deve encarnar a imitação do Crucificado, nosso Santo responde, com São Paulo (Rm 6,6-11), que tudo se resume à luta bem combatida do **homem novo** contra o **homem velho**. “*Santificação significa largar o homem velho, isto é, as coisas passadas e os vícios, e seguir o homem novo, isto é, o espírito*” (20322). “*Se o homem deve chegar a Deus e conquistar seu amor, é necessário que se liberte de todas as paixões*” (20422). Nas reuniões espirituais, não devemos nos cansar de tratar disso. O sermão 6 faz uma longa digressão para demonstrar que “*Se você quer observar o mandamento de Cristo que diz: ‘Sejam perfeitos como é perfeito o Pai de vocês que está no céu’ (Mt 5,48) é preciso que você pegue aquele caminho que leva ao conhecimento de Deus ... porque é necessário que o homem chegue ao amor de Deus, afastando-se de todas as criaturas.*” (20611). E fundamentando em exemplos bíblicos as renúncias necessárias e inerentes à situação, ele conclui – evitando qualquer acusação de maniqueísmo – que, a propósito das criaturas, devemos “*receber o fruto, mas deixar de lado todo o afeto*”, a exemplo de Jesus (20616)

É importante observar que foi exatamente a cruz da perseguição que impulsionou a incipiente vida barnabita no caminho desejado por Deus. Esperando que o Espírito se manifestasse,

nossos Primeiros já haviam iniciado a vida comunitária, mas não ainda a vida religiosa, não sabendo em quais estruturas específicas encarná-la. Foi exatamente a perseguição de 1534 que deu um salutar empurrão nos Nossos e no Santo Fundador, dando-lhes a oportunidade de inaugurar, de modo quase dramático, o novo estilo de “seguimento” com o famoso discurso de 4 de outubro. Padre Soresina, que fez parte desse momento, nos conta: “*Nós nos entusiasmos tanto, que prometemos gastarr a vida e o sangue por amor de nosso Senhor, que morreu na cruz por nós. E assim começamos a viver pobremente, e com dedicação nos entregamos à mortificação e à extirpação dos vícios, bem como a conquistar o próximo, não nos poupando, para sermos úteis a todos*” (**Cronachetta C**, pp.2-3).

Tendo aprendido na própria pele a função autêntica da cruz viva e concreta, não é de se espantar que a vida espiritual de nossos Primeiros nela bebesse. A **obediência**, “*que é o fundamento desse Instituto*” (**Const.** 1579, II,1), é vista como condição essencial para o “seguimento”, o que explica porque professaram diretamente o único voto de obediência: dada a Deus a coisa mais preciosa que nos constitui, isto é nossa vontade livre, tudo estará dado, o resto se torna detalhe. Mas, também aí se encontra um pano de fundo paulino: a importância dada por São Paulo à obediência de Cristo, que o leva à morte na cruz com generosidade e amor, necessariamente desemboca na importância da obediência religiosa. “*Pelo amor de Deus, ajudem-me – escrevia o Santo aos dois Cofundadores – para eu poder imitar Jesus Cristo, que assumiu uma atitude concreta contra a falta de firmeza, obedecendo até a morte e correu ... ao encontro da vergonha da cruz, não ligando para o que ia sofrer*” (10214). Todos nós recordamos a insistência do Santo Fundador em recomendar que “*controlássemos nossas vontades*” (10913, 31209), mas talvez não tenhamos notado que ele recomenda que peçamos isso nas orações, pois a abnegação é graça, mais do que conquista: “*Pedindo a Deus*

a graça de querer vencer as suas vontades. E, perseverando nesta oração, Ele cumprirá, perfeitamente, neles o que pedirem, desde que façam tudo para se tornarem de acordo com o seu pedido” (31209).

A **pobreza** foi entendida mais como *kénosis* do que liberação, numa visão de fé, para contar somente com Cristo. Assim, a pobreza rigorosa tinha o objetivo de provocar e sustentar a pobreza do espírito, isto é o tão recomendado esvaziamento de si para dar espaço a Cristo.

A **humildade** também se reportava à cruz. *“Não arranjem desculpas para os seus defeitos; pelo contrário, procurem até aumentar a sua culpa, porque esses defeitos foram a causa da morte de Cristo”* (31219). E mais: *“Não estabeleçam grande diferença entre os defeitos, se são grandes ou pequenos na opinião dos homens. Considerem se esses defeitos são claramente voluntários ou então, resultado de negligência proposital, porque Cristo morreu por causa de todos eles”* (31405). Assim, nossa humildade deveria nos fazer chegar a *“reputar-nos companheiros dos demônios e dos que crucificaram Cristo”* (31307); aliás, esta é uma das *“razões adultas”* que devemos inserir em nossas mentes para sermos humildes de verdade: *“O homem deve ser humilde e paciente, porque merece sofrer mais do que sofre, já que foi causa da morte de Cristo e porque afinal jamais poderia pagar pelas culpas cometidas”* (31905).

É preciso que estejamos atentos, porém, para não nos tornarmos vítimas de um veneno sutil que sempre ameaça os espíritos, já que quando o demônio não consegue com que façamos o mal, procura esvaziar o bem que fazemos, talvez nos tornando satisfeitos e orgulhosos pela nossa própria humildade e sofrimento: *“Faça isso sem soberba ou presunção (porque isso pode acontecer) e coloque a cruz acima da tibieza, com coragem, o quanto você puder”* (31802). Com efeito, as virtudes não são entendidas por nosso Santo como um ornamento da alma religiosa,

mas sim como um preciso dever de culto a Deus: *“De que serviria a alguém ter muitas virtudes, se lhe faltasse uma? De que serviria ter todas as virtudes e não se esforçar para conseguir o máximo delas? Quem descobrir que é assim, reconheça que não quer honrar a Deus o quanto pode”* (31244)

Omitindo a análise das outras virtudes, mencionemos ainda apenas a **oração**, que significa *“dialogar com o Cristo sobre tudo o que acontecer ... Certamente que Ele não lhe negará sua opinião”* (10304). Se, às vezes, sofremos de aridez na meditação, a lembrança das dores de Cristo nos inserirá rapidamente na experiência de Deus (31011). Sempre, pois, *“para serem mais facilmente atendidos, peçam perdão por intermédio do sangue de Cristo”* (31005), sem esquecer que ele *“é nosso mediador e vive rezando por nós”* (20420).

Quando toda a disciplina religiosa se deixa fascinar pela presença viva e sempre presente do Crucificado, todo o resto se torna secundário: *“É só andar pelo caminho da cruz, que nos ensina a distinguir entre qualidade e defeito, ou se devemos ou não fazer uma coisa. Quer saber? Deixa de conversa e mãos à obra!”* (10402). Esta simplificação da vida nos dará *“uma serenidade permanente, mesmo não nos livrando das humilhações da cruz”* (10504), na serena certeza de que o Crucificado, a que nos devotamos, suprirá nossas deficiências: *“Vamos andar com as próprias pernas; o Cristo Crucificado vai fazer o resto”* (10401).

Uma espiritualidade tão forte não poderia ficar fechada no coração de uma pessoa ou entre os muros de um claustro, devendo sim se voltar para sua Igreja. O fogo, quando aceso, arde; e Deus não doa seus santos a este ou àquele grupo, mas sim a toda a Igreja.

Assim diz Padre Soresina: *“Chamava a atenção de seus irmãos para que, ao converterem as almas, cuidassem de ligá-las ao Crucificado, não desperdiçando energias com o resto; pois, quem se enamora do Crucificado, por si mesmo, acaba por detestar e abominar qualquer vaidade, prazer supérfluo e qualquer*

outra coisa que repugne à boa disciplina cristã” (Escritos, p.306). E eis que, Zaccaria, de discípulo da cruz se torna apóstolo da cruz, com uma série de realizações ousadas para a sua época e que deram algum resultado na Igreja.

A primeira é a “celebração” das 3 horas da tarde de cada sexta-feira, a hora em que morreu o Senhor. Sabemos, a partir do que nos diz o cronista Burigozzo, que todos os três ramos da família paulina – Barnabitas, Angélicas e Leigos Casados – se reuniam na basílica de Santo Ambrósio, por ser nossa igrejinha de Santa Catarina muito pequena para comportar aquele numeroso grupo de quase mil pessoas. *“De joelhos, cabeça baixa e braços abertos, em oração silenciosa”* (Premoli, I,17), reviviam os vários momentos do sacrifício do Calvário. O sino, com seus toques lentos, convidava os fiéis em suas casas a dirigir um pensamento para o Senhor, morto naquela hora. Então, a assembleia se dissolvia, após uma oração pública e a mortificação, também pública, de algum dos participantes. Ainda hoje, nas igrejas do norte da Itália (*e em alguns outros lugares onde a Congregação está presente*), às 15 horas de toda sexta-feira, o sino convida os fiéis a recordar o Crucificado e, em suas casas, algumas pessoas se recolhem em oração.

A segunda realização é a procissão pública da Sexta-feira Santa. Nossas primeiras crônicas falam disso apenas de passagem, supondo-a conhecida de todos; por isso, nossos historiadores não a mencionam. O crucifixo era conduzido pelas ruas de Milão, com o aparato solene que os Nossos já usavam nas Quarenta Horas e que tanto impressionava a alma popular. Sabemos, através dos nossos primeiros Atos Capitulares, que esta procissão foi omitida, por medida de precaução, após o ano de 1552, após a divulgação do édito do Vêneto.

A terceira realização foi a exposição do Sudário, ocorrida em Milão em 1536. No passado, eram muitos os sudários expostos à veneração dos fiéis; mas, parece que, naquele ano, em Milão,

fora exposto o autêntico, proveniente de Chambéry e para lá transferido temporariamente pela Duquesa de Savoia (“*Ducissa Sabaudiae sacrosanctam Iesus Christi sindonem aliquando in urbem Mediolanum detulit publiceque ed arcis Ioviae moenia adoradam exposuit*”: Premoli, I,42, n.1). O historiador Giampietro Crespi atribui o mérito a Frei Bono, mas sabemos que ele ficava sempre com os Barnabitas e o Santo Fundador se utilizava dele, aproveitando sua ascendência popular para chegar onde ele e suas famílias religiosas, acusados de heresia, não podiam atingir.

A outra realização pública foi a denominada Quarenta Horas, entendida como triunfo do “Crucificado vivo”, ou seja, a Eucaristia. Mas, este é um tema que merece um parágrafo específico.



Pronto! É só andar pelo caminho da cruz, que nos ensina a distinguir entre qualidade e defeito, ou se devemos ou não fazer uma coisa. Ah! Quer saber? Chega de conversa e mãos à obra!

O Crucificado vivo

No centro da redenção está o sacrifício de Cristo que aprofunda suas raízes no amor. Por isso, na Igreja, sacramento de salvação, o sacrifício eucarístico ocupa o primeiro lugar na liturgia e na vida. O que ganhamos com o sacrifício, assimilamos mediante esse mesmo sacrifício.

A Eucaristia não pode deixar de se vincular à paixão, ambas se inserem no quadro sacrificial, isto é, o sangue derramado, que sela a nova aliança (1Cor 11,23-25). Assim, a paixão se torna permanente na Eucaristia, na qual Cristo se dá a nós, perpetuando seu sacrifício.

Dos textos bíblicos concernentes à Eucaristia resulta, com extrema clareza e uniformidade, que o Cristo presente na Hóstia é o Cristo imolado na cruz. O próprio termo latino “*memoriale*”, como também o grego “*anàmnesis*” e o hebraico “*ziccaron*”, indica não uma reconstrução histórica ou afetiva do passado, mas sim um tornar presente o passado, como nova realização de um evento que tem um caráter de perpetuidade.

Hoje, mesmo os textos do Vaticano 2º insistem neste conceito. “Nosso Salvador, na última ceia, instituiu o sacrifício eucarístico de seu corpo e de seu sangue, para perpetuar nos séculos, até seu retorno, o sacrifício da cruz” (**Sacrosanctum Concilium** 47). Os presbíteros, no sacrifício da Missa, representam e aplicam o único sacrifício do Novo Testamento, isto é, o de Cristo, que, uma vez por todas, ofereceu-se a si mesmo ao Pai, como vítima imaculada (**Lumen Gentium** 28). “No sacrifício da Missa, os presbíteros são convidados a imitar aquilo de que tratam, no sentido de que, celebrando o mistério da morte do Senhor, devem procurar mortificar os próprios membros dos vícios e concupiscências” (**Presbiterorum Ordinis** 13). A Eucaristia é, pois, o modo pelo qual a realidade da cruz se faz presente diante dos homens de todos os tempos.

O Santo Fundador, jovem sacerdote em Cremona, antes ainda

do Concílio de Trento, no sermão 3, já apontava o valor da Missa como verdadeiro sacrifício, contra os inovadores protestantes que o negavam; aliás, com uma hipérbole, chama a Eucaristia de “*o maior de todos os sacrifícios* (literalmente, o sacrifício dos sacrifícios” (20325). Mas, foi em Milão que, imperceptivelmente, tornou-se claro, nele, o nexo Crucificado-Eucaristia. Na Eterna Sabedoria estavam em uso as “Quarenta horas fechadas”, isto é, a adoração não pública da Eucaristia fechada no tabernáculo. Essa prática durava da tarde da Sexta-feira Santa à manhã da Páscoa, por 40 horas consecutivas, tantas quantas Cristo presumivelmente teria passado no sepulcro, conforme o cálculo de Santo Agostinho. Certamente, nosso Santo cumpria essa prática piedosa e talvez tenha sido, a partir da oração daquelas horas, que se tenha esboçado nele a ideia das Quarenta Horas públicas e solenes, com a Eucaristia descoberta e em destaque, em meio a um mar de luzes e de flores, como documentado já em sua carta de 8 de outubro de 1538 (10615).

No entanto, a formulação mais típica da relação Eucaristia-Crucificado se deve a um fato ocasional. Em 1537, Frei Cornélio Balbo – o mesmo que, três anos antes, do púlpito instigara o povo a queimar vivos os Nossos na casa deles –, pregando a Quaresma na catedral, prometeu aos ouvintes que, no sermão seguinte, lhes mostraria o Crucificado vivo. A coisa se espalhou por Milão e, na pregação seguinte, o templo estava repleto com uma multidão desejosa de ver o Crucificado vivo. O pobre frade se salvou, dizendo que pretendia falar “em sentido figurado, isto é, mostrar aos olhos da mente os excessos de que se tornam culpados os blasfemadores”. Foi um vexame, é claro; podemos imaginar a assembleia se dissolvendo.

Provavelmente, os Nossos não estavam presentes, mas sua reação foi imediata. Sim, existe o **Crucificado vivo!** É a Eucaristia! Ali, com efeito, está presente o Cristo no estado de vítima imolada para a salvação do mundo, exatamente como estava lá no Calvário;

só que agora, após a ressurreição, é um Crucificado... **vivo**. Vêm em mente os crucifixos, expressão de uma arte plena de fé, que representam o Cristo morto, mas com os olhos abertos e vivos...

A expressão “Crucificado vivo” é uma maneira como qualquer outra para explicar a Eucaristia, isto é, o Cristo “morto e ressuscitado”.

Na primavera de 1964, o Conselho das Igrejas Evangélicas encarregou uma comissão de elaborar um subsídio doutrinário, que pudesse ser aceito por todas as confissões protestantes, sobre o tema “como a morte de Jesus pode significar nossa salvação”, pois é evidente que esta é a verdade central do cristianismo. Após quatro anos de discussões e debates, foram condensadas em um pequeno volume as conclusões da comissão, aceitas unanimemente e recomendadas pelo Sínodo Evangélico. Trata-se de uma publicação autorizada, que pode ser considerada a voz oficial do protestantismo hodierno. Pois bem, as conclusões da comissão concentram-se, surpreendentemente, nesta frase: “A morte de Jesus continua a ser anunciada, porque **o Crucificado vive**”.

A nós não interessa que tal expressão, antes de tudo criptogramática, possa ser entendida em mil sentidos diferentes pelas mil confissões protestantes. O que nos interessa é que foi escrita e que todas as confissões cristãs, inclusive a católica, se reconheçam nela. Um barnabita não pode deixar de expressar um sentimento de agradável surpresa, relacionando tudo isso ao “Crucificado vivo” de seu santo Pai.

Devoção ao Crucificado

A história nos diz que a piedade cristã nem sempre viveu da mesma maneira sua relação com a cruz. As representações do Crucificado no decorrer dos diversos séculos são diversas, não apenas no que diz respeito ao estilo artístico, mas também no que se refere à concepção teológica a que aquele se submete. Por exemplo, o “Rosto Santo” de Lucca é totalmente diferente do crucificado de San Damiano!

Na espiritualidade monástica, especialmente com Santo Anselmo e São Bernardo, a devoção ao Crucificado se manifesta na “compaixão”, intensificada com os franciscanos, quando, juntamente com a dor de Jesus se enfatizou seu amor. Nosso Santo Fundador não pertence a essa corrente. Somente uma vez fala da “*compaixão da Morte ou da Paixão de Cristo*” (31009), não a propondo, porém, como meta, mas apenas como meio de concentrar a atenção para começarmos a oração. Hoje, a “compaixão”, viva e difundida no século 19, está fora de moda; ao contrário, enfatiza-se a problemática de uma espiritualidade que pretende consolar Jesus na lembrança de suas dores, ainda que Rahner procure dar uma base teológica à compaixão, ao menos enquanto ligada à devoção ao Sagrado Coração.

No século XVI, a devoção ao Crucificado se expressava na chamada **exemplaridade**, isto é, na imitação ativa do amor sofrido de Cristo. A participação nesse amor, expresso na cruz ativa e passiva, era admirada por sua função positiva de promover no discípulo a “nova criação”.

O Santo Fundador parte de Ef 5,1-2, onde São Paulo inculca a “*mimesis*” de Cristo. Com efeito, a imitação do Crucificado, compartilhando seu amor sofrido, era o objetivo principal, para não dizer exclusivo, dos Nossos.

Alguns testemunhos. O Davídico (*Anatomia dos vícios*, 2º), falando dos primeiros Barnabitas, diz “*sim, nobilíssimos espíritos, fundamentados na verdadeira pedra da cruz e fortes no Cristo*”

Crucificado, que trazem estupefação a quem saboreia seu santo proceder”. Quanto às Angélicas e ao Santo Fundador, escreve a Anônima (**Memórias**, pp.14-15): “*O outro fundamento que se esforçava por enraizar nessas filhas do Senhor a ele confiadas era o desprezo pelo mundo e o amor às violências e humilhações; estas eram suas próprias palavras: ‘Por amor do Crucificado’, ‘Por imitação do Crucificado’; e estes eram os vocábulo que circulavam pela casa: ‘O amor do Crucificado’, ‘Para imitar o Crucificado, pela graça, abracemos os opróbrios’”.* E Sfondrati (**História**, p.39): “*Tão ardente era o desejo deles de perfeição e imitação dos Santos, com a memória de seu Senhor Crucificado, que era esta a recomendação, o objeto, o pensamento, o falar e cada afeto deles”.*

Estes testemunhos são importantes porque demonstram que, para nossos Primeiros, o Crucificado, mais do que um símbolo, era uma realidade, ou pelo menos um símbolo diferente dos outros convencionais. O Crucificado atraía a inteligência e a afetividade deles para a realidade significada, de modo direto e espontâneo, por afinidade interna entre sujeito e conteúdo. Sentiam emanar dele uma força quase sacramental. É verdadeiramente escandaloso constatar que hoje, especialmente entre os religiosos, o crucifixo tenha perdido sua influência dinâmica. Deveria estar em todos os quartos dos religiosos; mas, está? E, quando está, é **olhado** pelo menos uma vez por dia? Não se quer dizer que se faça dele um símbolo mágico, como uma sutil instrumentalização de Deus, sob cuja proteção nos colocamos. Trata-se apenas de decifrá-lo e transformá-lo em veículo significante, integrando-o assim na própria vida de modo a se tornar um ponto de referência necessário. Não para aceitar determinadas opiniões teológicas ou ascéticas, ainda que fossem as de nosso Santo Fundador, mas porque este símbolo expressa a síntese da existência cristã, pelo que o discípulo se sente implicado em um movimento ascensional que, através da participação no mistério da cruz de Cristo, leva-o

progressivamente a participartambém do mistério da sua ressurreição.



O Santo Fundador parte de Ef 5,1-2, onde São Paulo inculca a “mimesis” de Cristo. Com efeito, a imitação do Crucificado, compartilhando seu amor sofrido, era o objetivo principal, para não dizer exclusivo, dos Nossos.

Conclusão

Escrevendo aos Coríntios, Paulo dizia: *“Trato duramente meu corpo e arrasto-o em escravidão, a fim de que não aconteça que, após ter tanto pregado aos outros, eu mesmo acabe tendo um comportamento reprovável”* (1Cor 9,27). Isto vale para mim, que escrevo.

Quanto a vocês, leitores, que o Senhor rico de misericórdia lhes dê a luz e a força necessárias para seguirem, na verdade, o Cristo pobre, casto, obediente e crucificado. Segui-lo dessa forma significa tornar-se ele mesmo na qualidade de redentor, sem ambiguidades e alegorias inúteis.

Antes de entrar no noviciado, escolhemos a cruz. E a levamos com entusiasmo (talvez até com tranquilidade: mas, éramos jovens!) da sala capitular à igreja. Não o esqueçamos, quando a cruz vier de verdade. Digamos: “Escolhi-a. Agora, a tenho. Senhor, me ajude, porque o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. Lembremo-nos disso, quando soar, também para nós, a hora de assemelhar-nos a Deus em seu mistério de solidão ou a Cristo em seu mistério de morte na cruz. Será a doença; será a velhice; será a provação; será o que for. Lembremo-nos que seremos verdadeiramente “cristãos” – como Jesus foi verdadeiramente “Jesus”, isto é, o Salvador – somente na cruz.

É um fato que a vida é marcada por muitas tribulações. O Apóstolo Paulo enumera as suas (2Cor 11,23-33): não o faz para despertar compaixão, mas para orgulhar-se delas. Decerto, é preciso grande maturidade para chegar a isto; é preciso ainda grande equilíbrio para permanecer autêntico, isto é, sem idolatrar nosso próprio sofrimento por Cristo, já que é fácil escorregar na sublimação religiosa. Coloquemo-nos nas mãos de Deus, com fé, vinculados apenas à sua vontade, sem vitimizações inúteis e sem racionalizações demasiadas. Mesmo quando sofreremos porque nos foi feito um puro mal, isto é, algo feito por pura malvadeza, teremos a rara possibilidade de vencer o mal com o bem (Rm

12,21), não permitindo que ele nos degrade. Mas é difícil que seja exatamente assim: geralmente, o Senhor nos deixa mil e uma razões para que nosso sofrimento seja mais do que justificado.

Não sei se o Senhor nos dará a graça de chegarmos até a “*saborear*” a cruz, como diz nosso Santo Fundador (31009-11 e 31811-13): tal inclinação estará em nós tanto mais fortemente quanto mais acolhermos com fé e amor a participação na vida íntima de Jesus. Talvez o Senhor nos dê a graça de sermos ajudados a carregar nossa cruz. Não desprezemos esse dom, como ele não desprezou ao acolher a ajuda de Cirineu. Muitos são incapazes de recebê-lo. O desejo ainda que inconsciente da autossuficiência empurra-os a querer ser mais cristãos do que Cristo. E devemos abrir nossos olhos para os outros, pois muitos caem sob o peso da cruz sem que ninguém se dê conta e lhes dê uma mão.

O Senhor sabe que a cruz nos é necessária e manda-a mesmo se não a quisermos, mas, em sua bondade, nos poupa o mais possível, pois sabe que somos fracos. Exatamente por isso não devemos nos iludir, desejando cruces grandes que talvez nunca venham; devemos sim abraçar as milhares de pequenas cruces que continuamente se acham ao alcance de nossas mãos. Nem sempre é o fato de nos disciplinarmos que nos insere no mistério da cruz; ao contrário, frequentemente é mais eficaz o sorriso sempre novo que sabemos fazer surgir da monotonia quotidiana. Todo esforço amorosamente associado à paixão de Cristo pode se tornar instrumento de redenção para nós e para a Igreja. Os próprios erros de nossa ignorância e incapacidade, se assumidos com senso de responsabilidade, podem se tornar meio de elevação. Diz a Mensagem de nosso último Capítulo Geral (1978): “Há um modo cristão de ser ou se tornar consciente da própria fraqueza, que não abate nem deprime” (p.47). É exatamente nessa pobreza de espírito que melhor se consegue perseguir aquela “contínua conversão do coração” que, através da penitência e da mortificação, nos deve conduzir, dizem as novas Constituições, “à negação de nós mesmos

e à gradual **assimilação ao Cristo Crucificado**” (ns. 20 e 22). A lembrança do Senhor por nós “morto e ressuscitado” será como uma armadura na luta contra o pecado (1Pt 4,1) e um estímulo para não nos cansarmos ao seguirmos os rastos de Cristo (1 Pt 2,21).

A cruz é, para todos indistintamente, condição de salvação (Mc 8, 34); portanto, deve ser imanente e levitante não só nas almas, mas também nas estruturas e instituições, aí incluídas a Igreja e as Congregações. Em teoria, todos aceitamos que o “*mysterium crucis*” deva ser o critério perene do comportamento da Igreja em seu ser e agir, mas nossa ação pastoral o desmente na prática. Todos sabemos que entre a ação salvadora do Cristo e a ação salvadora efetuada pela Igreja há uma ligação indissolúvel, pois a segunda não é nada além da continuação e aplicação da primeira. Essa ligação, porém, foi aprofundada pela reflexão teológica somente no conteúdo e na causalidade, mas não no método. E o método é um só: cruz, morte. Assim foi para Cristo, assim é para a Igreja. No entanto, continuamos a apoiar nossa pastoral em instrumentos competitivos; aliás, se temos um desgosto, é pelo fato de esses instrumentos não serem suficientemente fortes, presos como estamos à categoria de que somente a eficiência produz eficácia. E depois pretendemos não ser triunfalistas!

1. Também como Barnabitas, precisamos rever nossas posições, em uma hermenêutica de fé e fidelidade à tradição. A *kenosis* do Crucificado não deve ser praticada e amada apenas a nível pessoal, mas também ao nível do Instituto. Frequentemente, tem-se a impressão de que, mais do que humildes, somos humilhados. No entanto, devemos santamente nos alegrarmos por sermos um “*pequeno rebanho*”, por não contarmos muito e não podermos dizer uma palavra autorizada na Igreja, por não sabermos nos apresentar com rosto e estruturas da moda; aceitaremos ser classificados como ricos e amigos dos ricos somente porque servimos também a esses; prosseguiremos

com alegria nosso serviço pontual, cordial, silencioso, sem nos desencorajarmos se nossas fileiras diminuírem; falaremos de nós e de nossa quantidade sem complexos, como nossos historiadores que, com verdadeira humildade, diziam: “nossa **pequena** Congregação, a **última** de todas”.

E se o Senhor, não obstante nossa vida santa e nosso amoroso empenho, agora decretasse a extinção de nossa Congregação? Esse é um **teste**. Se, com fé, fôssemos capazes de aceitar essa cruz não como uma desgraça, mas como um valor, aliás, como a suprema prova de amor a Deus enquanto Barnabitas, pois bem: então, poderíamos dizer que **efetivamente entramos no mistério da cruz**. Então, Deus nos mandaria vocações, pois saberia como nós as desejamos não para nosso prestígio, mas sim para dar à sua Igreja novos profetas; então nos preencheria efetivamente com ele, porque nos veria vazios de nós; então, talvez, acionasse aquele “renascer” de nosso Instituto tão desejado pelos Capítulos e pelo Padre Geral, pois nossa vida clamaria que Deus, para nós, é mais do que a Congregação, mais do que o universo, mais do que nós mesmos.

Mas, a Cruz não consiste em um **teste**. É um nascimento lento, como uma geração indefinida. É o ponto em que se joga nossa credibilidade, nem tanto diante de Deus (que é bom) e dos homens (que se contentam com pouco), mas especialmente diante de nós mesmos.

É o papel de tornassol, a nos revelar a precisa condição interna de nossa fé e de sua sinceridade. Apliquemo-la com coragem. Saberemos que não estamos ainda suficientemente mortos com Cristo. E é por isso que não estamos ainda suficientemente ressuscitados com ele.

Índice

07	Apresentação
10	O mistério pascal
15	O Crucificado histórico
19	Escândalo e estupidez
22	As fontes
28	A cruz do discípulo
3+	Cruz passiva e cruz ativa
39	O Santo Fundador e o Crucificado
50	O Crucificado vivo
53	Devoção ao Crucificado
56	Conclusão

